



*Arquivo recebido em  
05 de junho de 2015  
e aprovado em 10 de  
setembro de 2015.*

V. 5 - N. 10 - 2015

\* Professor do  
Departamento de  
Ciências da Religião  
da UMESP. Doutor em  
Teologia pela PUC Rio.

\*\* Graduado em Teologia  
pela Universidade  
Metodista de São Paulo.

O artigo apresenta  
parte dos resultados de  
pesquisa de iniciação  
científica realizada com  
apoio do CNPq (2014).

## **Do Amor entre a Pastora e o Seminarista: uma análise teológica dos corpos além das fronteiras na obra Tieta do Agreste, de Jorge Amado**

**From the love between the shepherdess  
and the seminarian:  
a theological analysis of bodies  
beyond the frontiers in Tieta do  
Agreste work by Jorge Amado**

*Claudio de Oliveira Ribeiro\**

*Wanderson Salvador Francisco de Andrade Campos\*\**

### **Resumo:**

O reconhecimento da presença do sagrado e suas diversas manifestações acontece nos textos literários desde os remotos tempos. Tais manifestações se dão por meio da dinâmica antropológica que a literatura proporciona e por meio dela o discurso teológico e o discurso literário podem estabelecer um diálogo. A dinâmica antropológica referida ao corpo aparece de forma aberta e sem restrição alguma na literatura de Jorge Amado, nos fazendo acreditar que as obras desse escritor baiano têm muito para acrescentar à teologia, uma vez que essa, ao menos em suas versões oficiais, tem fortes marcas ascéticas. Um dos romances que pode nos apresentar uma (re)descoberta do sagrado por meio do corpo é a história de Tieta do Agreste. Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo fazer uma análise teológica do(s) corpo(s) que essa

história nos apresenta.

Palavras-chave: Jorge Amado, Corpo, Antropologia, Fronteira, Deus.

## Abstract:

Holy's presence and your many demonstrations happen in literally texts since ancient times. Such demonstrations to give through anthropological dynamic that literature provides and it is through it that the theological discourse and literary discourse can establish a dialogue. The anthropological dynamic, or the body, appear without restriction in Jorge Amado's literature, making us believe that the works of this baiano writer have a lot to give to theology. One of the novels that can show us a (re)discovery of sacred through the body is the history of *Tieta of Agreste*. Thereby, this article aims do a theological analysis of the body(s) showed in this history.

Keywords: Jorge Amado, Body, Anthropology, Frontier, God.

## Introdução

**A**tualmente o diálogo entre teologia e literatura tem ganhado maior espaço no meio acadêmico e isso pode ser facilmente notado graças à variedade de trabalhos e artigos publicados em diferentes periódicos acadêmicos.

Esse quadro nos faz perceber que o diálogo entre a literatura “que, teoricamente, lidava com a ficção e a verossimilhança” e “não poderia nunca pensar em aproximar-se da teologia, que lidava com a verdade e a afirmação dogmática” (BINGEMER, 2008, p. 20) agora é possível. Parte dessa mudança se deu graças à abertura/visibilidade que a literatura proporciona para a dinâmica antropológica, tão fundamental para a reflexão teológica. O dado antropológico apresenta uma capacidade de reflexão do divino, uma vez que o Deus cristão revelou-se na história da humanidade através do corpo humano (MANZATTO, 1994, p. 9).

Essa visibilidade antropológica acontece na literatura porque o discurso literário apresenta o mundo e o ser humano que o habita, visto, não analiticamente como as ciências fazem, mas sim por meio de imagens e

símbolos. A literatura vai além, uma vez que ela não somente analisa o mundo, mas sugere diferentes alternativas, formula e reformula utopias, acreditando que a cultura, a sociedade, o mundo em si não podem ser refletidos e explicados “apenas, por uma racionalidade mecânica”, mas precisam ser lidos nos seus conteúdos míticos, pois eles têm a capacidade de elucidar a razão (REZENDE, 2000, p.223-224). A literatura:

(...) é uma representação do mundo, ela apresenta uma cosmovisão: ela é um olhar sobre a realidade, as coisas, os homens, os sonhos humanos; ela é também um julgamento de valor, ainda que não formalmente, e revela valores vividos pelos homens; ela mostra uma compreensão do homem, ela fala sempre do homem, apresenta-o, critica-o, mostra o homem vivendo. Sua preocupação é sempre o homem. (MANZATTO, 1994, p. 7)

Por outro lado, a teologia também tem fugido dos esquemas redutores que as dogmáticas eclesiais estabelecem. Há uma série de desenvolvimentos de forma de teologias narrativas, poéticas e lúdicas que revelam outro modo de pensar teologicamente. Essa nova perspectiva facilita o encontro dela com a literatura, pois através do diálogo com o discurso literário a teologia ganha a oportunidade de “reapresentar suas questões e reencontrar seus próprios temas, aprofundando sua reflexão sobre Deus” demonstrando determinados aspectos da revelação “que, mesmo se não constituem novidades para o conhecimento teológico, podem encontrar-se, talvez, um tanto esquecidos na reflexão teológica atual” (MANZATTO, 1994, p.10).

Por essa razão, o objetivo do presente artigo é fazer uma análise teológica a partir da relação estabelecida entre os corpos apresentados por Jorge Amado em um de seus trabalhos mais conhecidos, *Tieta do Agreste*<sup>1</sup>. Nele, a forte ênfase na dimensão antropológica, expressa na corporeidade de seus personagens, é facilmente perceptível.

---

1. Para melhor compreensão de como a literatura de Jorge Amado apresenta forte dinâmica religiosa, deixamos aqui o título completo do romance usado em nossa reflexão: “*Tieta do Agreste: pastora de cabras ou a volta da filha pródiga, melodramático folhetim em cinco sensacionais episódios e comovente epílogo: Emoção e suspense*”.

Jorge Amado, que dispensa apresentações por ser o escritor brasileiro com maior ressonância internacional, apresenta personagens inspiradas nas “esperanças e perplexidades da realidade” (RAILLARD, 1990, p. 9), especialmente a brasileira. São mulheres e homens simples, pobres, porém indomáveis e que não se deixam vencer pelas misérias do drama social, antes buscam sua libertação, enfrentando as forças do ódio por meio do amor unido à liberdade, “lutando por fazer da vida o bem viver”. Ou seja, Jorge Amado traz em sua literatura, ou mais precisamente em sua antropologia, a alma de um “povo que quer amar e ser feliz” (RAILLARD, 1990, p. 10).

A literatura amadiana coloca diante de nossos olhos uma figura corporal “sem vergonha” alguma, que é apresentada por meio de uma forte linguagem sexual. Essa forma de exhibir a dinâmica corporal se difere dos tradicionais meios científicos e, principalmente, teológicos. Por isso, acreditamos que tal aproximação seja favorável para a teologia no processo de uma construção mais integral, autêntica e saudável da reflexão sobre o ser humano e sobre o divino. Nossa pressuposição teológica é que a forma com que Jorge Amado apresenta o corpo em seus romances desafia a busca da revelação do divino no encontro dos corpos, portanto, fora dos dogmas religiosos e morais que foram estabelecidos e fortalecidos pelo tempo e pelas oficialidades eclesásticas.

## O romance

O romance “Tieta do Agreste” é diferente dos outros trabalhos de Jorge Amado. Publicada em 1977, a história foi escrita de uma forma em que se é possível perceber toda a sua estrutura e seu mecanismo, um luxo ao qual Jorge Amado se permitiu para mostrar como “um romance é feito e colocado de pé” (RAILLARD, 1990, p. 302). Nesse trabalho, o escritor baiano aborda como tema principal a defesa dos bens naturais, tão importante para o ser humano. Jorge Amado o chamou de um romance “ecológico” (RAILLARD, 1990, p. 290), em que é feita a recriação da vida

cotidiana de um povo em uma pequena cidade do litoral norte da Bahia, na região de Mangue Seco.

A história descreve um momento crucial na vida desse povo, em que sua paz, sua vegetação, suas dunas e suas praias se transformam em alvo de uma empresa poluidora, a Brastânio, Indústria Brasileira de Titânio S. A<sup>2</sup>. A inspiração de Jorge Amado para esse enredo surge em 1970, quando a Bahia – na época chama de “Nova Bahia” – estava sob o impacto da indústria petroquímica. É a partir dessa realidade que ele encena a cidade de Sant’Ana do Agreste, em que o enredo da história de Tieta é construído nos proporcionando o encontro com personagens que, mesmo em meio a essa realidade ameaçadora e desafiadora, expressam o desejo de amar e de ser feliz. Ao pensarmos nessas personagens, refletimos, simultaneamente, na vida em que vivem e nos problemas que se levantam na linha do seu destino. Tal linha é traçada conforme certa “duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente” (CANDIDO, 2002, p. 51). Em alguns casos, essas personagens se tornam tão fortes dentro do enredo, que adquirem autonomia, a ponto de se manterem de pé “sobre as próprias pernas”, reagindo contra o autor, como é o caso das personagens de Jorge Amado (RAILLARD, 1990, p. 294).

Dada à extensão do romance e as diferentes personagens apresentadas, iremos refletir e debruçar nosso olhar, na busca de uma reflexão teológica sobre o corpo de duas figuras muito especiais, a protagonista do romance, Antonieta Esteves Cantareli, conhecida como Tieta e seu sobrinho, o seminarista Ricardo. Essas duas personagens são determinantes para compreendermos a antropologia que é proposta na obra. É necessário dizer que a dimensão antropológica desse romance não se esgota nessas personagens que iremos analisar, mas ela é complemen-

---

2. A Brastânio S.A era uma empresa produtora de dióxido de titânio. Empresas como ela já haviam sido condenadas em outros países, pois a produção desse material envenenava a humanidade inteira e ameaçava a continuação da vida sobre a terra. (AMADO, 1977, p. 42)

tada por outras figuras e situações. Contudo, antes de analisarmos Tieta e seu sobrinho acreditamos ser necessária uma familiarização com o enredo do romance.

## **A Brastânio em Agreste: o chão onde tudo acontece**

Sant'Ana do Agreste, um município situado na fronteira entre os estados da Bahia e Sergipe, era uma terra muito pobre, embora já tivesse experimentado o progresso e intenso movimento comercial. A prosperidade já foi muito presente nesse município, que por se situar “às margens do rio” e se estender até o mar, já havia sido “o centro de abastecimento de toda uma região. Navios e escunas vinham até à altura da barra de Mangue Seco, região cheia de dunas e praias do município de Agreste, para descarregar várias mercadorias. De Agreste, no lombo dos burros, as mercadorias partiam no rumo do sertão” (AMADO, 1977, p. 83).

Essa foi durante muito tempo a realidade desse pequeno município. Ela durou até ser construída uma estrada de ferro ligando a cidade da Bahia a Sergipe, fazendo o progresso “desfechar golpes contra Agreste” (AMADO, 1977, p. 84), pois com a construção da estrada de ferro “dispersaram-se as tropas de burros” (AMADO, 1977, p. 84), raramente os navios e as escunas desembarcavam e, quando isso acontecia, era apenas de contrabando, e a cidade não recebia nada, somente Mangue Seco. A principal rodovia da cidade passou a ser nada além de “quarenta e oito quilômetros de poeira e lama”, fazendo com que Agreste fosse de vez entregue à mandioca e às cabras, não tendo nem “trem-de-ferro, nem caminhões, nem sobra de estação ferroviária ou rodoviária, onde as moças namorem” (AMADO, 1977, p. 85).

Isso fez a população, de aproximadamente “nove mil, setecentos e quarenta e dois cidadãos prestáveis e imprestáveis” (AMADO, 1977, p. 83), diminuir, pois os jovens partiram sistematicamente para outras terras em busca de oportunidades. Agreste ficou mergulhada em um marasmo que, com o passar do tempo, não espantou somente os moços,

que partiram na marineti de Jairo<sup>3</sup>, mas também as “mulheres começaram a buscar vida melhor em terras mais ricas” (AMADO, 1977, p. 85). Algumas tentando ser copeiras ou cozinheiras, costureiras ou bordadeiras, mas a grande maioria acabava na zona, em Salvador, em Aracaju, em Feira de Santana.

Entretanto, de forma repentina, surge uma oportunidade de transformar Sant’Ana do Agreste em um novo polo industrial, capaz de competir com outros centros industriais, quando a Brastânio, Indústria Brasileira de Titânio S. A, decide se instalar em Mangue Seco. A instalação dessa empresa seria uma oportunidade única de gerar “arrecadação de consideráveis impostos, crescimento da renda bruta per capita” e “empregos para os naturais do lugar” (AMADO, 1977, p. 278). Seria “o fim do marasmo e da pobreza” e o retorno dos “tempos de fartura e movimento” onde os moradores do município novamente teriam motivo para se orgulhar (AMADO, 1977, p. 283).

Realmente, a possível chegada dessa indústria acabou, temporariamente, com o marasmo e com a paz do povo de Sant’Ana do Agreste. Com o objetivo de “servir” (AMADO, 1977, 296), a Brastânio distribuiu brindes de natal para as crianças mais pobres (AMADO, 1977, 295) e calçou, com asfalto, a rua onde os primeiros postes de luz seriam colocados (AMADO, 1977, p. 296; p. 395-400). Ou seja, feitos que movimentaram a cidade que estava tão parada, que mantinha o “comércio aberto por força do hábito, para cumprir o horário” (AMADO, 1977, p. 201). No entanto, o reboição que a Brastânio causou não foi apenas por causa dos benefícios que ela estava proporcionando, mas também pela polêmica que a sua instalação gerou na cidade.

Uma crônica no jornal A Tarde, que trazia notícias da região e tam-

---

3. A marineti de Jairo era um veículo automotor que transportava passageiros. Ela “fazia o trajeto de ida-e-volta, Agreste – Esplanada – Agreste, num só dia, saindo de manhãzinha, regressando ao entardecer”. Durante a “Segunda Grande Guerra Mundial” ela “foi viatura moderna, de molejo macio, bancos confortáveis e até possuía vidros nas janelas” (AMADO, 1977, p. 29).

bém de outras localidades, anunciava que toda a paz e a beleza de Agreste e, principalmente, de Mangue Seco iria “apodrecer e acabar nos efluentes de sulfato ferroso e do ácido sulfúrico, nos gases do dióxido de enxofre, na poluição desmesurada” (AMADO, 1977, p. 312). Mesmo que a Brastânio fosse a promessa do retorno do progresso e da riqueza, isso espantou algumas pessoas da cidade<sup>4</sup>. A partir daí, a cidade se divide ao ponto de transformar a costumeira feira na praça do mercado, em um campo de batalha entre os favoráveis e os contrários à instalação da indústria (AMADO, 1977, p. 554-557). É no meio de toda essa confusão que acontece o encontro dos corpos das duas personagens, mencionadas acima, Tieta e Ricardo.

## A Pastora e o seminarista

Antonieta Esteves Cantareli, Tieta, a personagem principal do romance, nasceu e foi criada no município de Sant’Ana do Agreste. Pastora das cabras de seu pai, desde pequena, Tieta era atrevida. Durante a adolescência saltava “a janela noturna para encontrar-se com homens” (AMADO, 1977, p. 37), gulosa desde nova, quanto mais homens melhor. Conheceu o gosto do corpo masculino, pela primeira vez, nas areias da praia de Mangue Seco, arrombada por um mascate, que buscava e levava carregamentos. Berrou como uma cabrita, cheia de dor e contentamento (AMADO, 1977, p. 12). Depois disso, foi montada por um, por outro, “no chão das pedras, em cima do mato, na areia da praia”. Para ela, o “prazer de homem, só isso e nada mais” (AMADO, 1977, p. 118), e de homens mais velhos. “Tieta não gostava de mocinhos jovens” (AMADO, 1977, p. 61).

---

4. De todas as pessoas que se mostraram contrárias à instalação da Brastânio, acreditamos que duas merecem maior destaque. A primeira delas é Dona Carmosina, chamada de Carmô por Tieta, cidadã importante da cidade de Agreste, era funcionária dos correios. Foi ela a primeira pessoa a ler o artigo que anunciava a chegada da empresa de dióxido de titânio em Agreste. A segunda foi o Comandante Dário, um ex-soldado da marinha, que abandonou a carreira militar, trocando a farda por shortes, camisetas de marujo e pijama para “gozar dos verdadeiros prazeres da existência” (...) “No clima bendito de Agreste, na beleza sem par de Mangue Seco. No paraíso” (AMADO, 1977, p. 43).



Antonietta era “alegre, divertida, bondosa” (AMADO, 1977, p. 48), uma criatura encantadora e determinada, pois quando decidia algo “não havia conselho, ameaça, castigo que lhe mudasse o pensamento” (AMADO, 1977, p. 63). Dona de um belo corpo de mulher morena, com uma pele trigueira, com cabelos negros (AMADO, 1977, p. 99), fornido de carnes e com uma firmeza nos seios volumosos, que se via “apreciável amostra através da gola de botões abertos” (AMADO, 1977, p. 92), Tieta era uma musa inspiradora dos mais belos versos. Era uma paixão devoradora e fatal (AMADO, 1977, p. 58). Ela era um “belo pé de buceteiro” (AMADO, 1977, p. 95). Foi esse seu jeito de ser, essa fome de homens que a fez ser expulsa de casa por seu pai, Zé Esteves. Denunciada pela irmã, Tieta levou uma surra que acordou a rua inteira (AMADO, 1977, p. 56), e foi embora na “boleia do caminhão, rumo da Bahia, indo embora para sempre” (AMADO, 1977, p. 37).

Depois, já com seus quarenta e quatro anos, a pastora de cabras retorna rica, não da Bahia, mas sim de São Paulo, e dona de uma casa de garotas de programa, chamada o refúgio dos lordes<sup>5</sup>. Ainda pastora, só que agora de cabras diferentes, Tieta volta para o Agreste no desejo de construir uma casa em Mangue Seco, ambiente que ainda não havia sido contaminado pelo interesse material para, quando chegasse a hora, pudesse “curtir a velhice e esperar a morte na doçura do clima de Agreste” (AMADO, 1977, p. 76). Mas, os eventos não saem como ela planejara por causa da instalação da Brastânio. Ela se tornou uma figura importante se posicionando contra a indústria<sup>6</sup> e também devido ao caso de amor que ela começa a ter com seu sobrinho Ricardo, um seminarista de dezessete anos.

---

5. Refúgio dos Lordes era a melhor casa de garotas de São Paulo. O local era mais descente, não tinha cheiro de casa de puta. Os fregueses eram todos uns lordes. Lá Tieta era conhecida como Madame Antoniette (AMADO, 1977, p. 181). Contudo, para as pessoas de Agreste, Tieta dizia que era dona de uma grife. Não podia dizer que era cafetina, afinal ela já havia sentido no corpo, com as batidas do pai, o peso da moral daquele povo. Antonietta era conhecedora dos preconceitos daquele lugar. (AMADO, 1977, p. 56)

6. Tieta se tornou uma figura fundamental na luta contra a instalação da Brastânio em Mangue Seco chegando até mesmo a participar de um ataque dos pescadores de Mangue Seco contra os técnicos da indústria (AMADO, 1977, p. 440-450).

Ricardo, ou Cardo, era um rapagão forte, alto, bonito, de dezessete anos com o rosto cheio de espinhas desabrochando e com a sombra do buço sobre o lábio risonho (AMADO, 1977, p. 35). Ingressara no seminário quando era uma criança graças a uma promessa que a mãe, Perpétua, a irmã que denunciou Tieta para o pai, fez a Deus dizendo que se um dia ela tivesse um filho, ele seria padre. Acabou tendo dois, mas Ricardo foi o primeiro (AMADO, 1977, p. 107). Cardo era um rapaz temente a Deus, do tipo que chorava na frente do altar na igreja, todo paramentado, de saia branca, bata vermelha, sacudindo o tributo, “odor de incenso” (AMADO, 1977, p. 73). Diferente do irmão mais novo e dos outros jovens de sua idade, Cardo suave inocência pela batina que usava na igreja (AMADO, 1977, p. 97). Inocência que era comprovada quando ele era comparado ao irmão, Peto, de treze anos ainda incompletos, “moleque endemoniado”, que assistia a vários filmes inapropriados para sua idade, mais de três vezes<sup>7</sup> (AMADO, 1977, p. 63) e quando beijava a tia Antonieta não era como Ricardo, sem jeito apenas roçando as faces, mas sim de forma cálida, cheio de malícias (AMADO, 1977, p. 103).

Contudo, toda a inocência do seminarista que não perdia nem mesmo a missa das seis da manhã (AMADO, 1977, p. 106) é abalada com a chegada de Tieta em Agreste. Algo que ele jamais imaginara que aconteceria, pois em sua cabeça a tia era uma velha, cheia de cabelos brancos, rugas e mãos trêmulas, parecendo mais uma avó do que uma tia (AMADO, 1977, p. 73). No entanto, depois que ela desce da marinete de Jairo e ele a vê pessoalmente, Cardo percebe que estava errado e passa a notar os atributos carnis que Tieta tem, ou como ele acreditava, atributos humanos, não carnis, pois carnal é uma palavra maldita e os pecados carnis seriam “pagos com as chamas do inferno durante a eternidade” (AMADO, 1977, p. 105). De tanto notar, Ricardo, que era um exemplo de pudicícia e de recato, começou a cobiçar e desejar o corpo

---

7. Em Agreste, quando o assunto é filme, “a censura não vigora, todas as películas são livres para qualquer idade, mães amamentam crianças de colo em plena sala”. (AMADO, 1977, p. 63)

da tia, mas pelo medo de pecar o seminarista vivia desviando os olhos, com o objetivo de não ver os expostos atributos da pastora de cabras. No entanto, “pior que ver, é pensar” (AMADO, 1977, p. 147) e isso acontecia frequentemente com Cardo, que fugia para não ver, mas mesmo com os olhos fechados, sem imaginar nada, acabava imaginando. Afinal a “gente imagina sem querer, mesmo não querendo, é a maneira de Deus provar a fé, o zelo dos eleitos. É preciso controlar-se; vencer os maus pensamentos” (AMADO, 1977, p. 147). Com isso, o jovem seminarista “estava entregue a um árduo combate” e só a ajuda de Deus lhe permitiria alcançar a vitória. Diferente de Tieta, que também começou a reparar no sobrinho que tinha um belo corpanzil, Cardo ficava escondido pelo camisolão de dormir, e quando reparava, e mais tarde lembrava, mordida os lábios com desejo. Mas para ela, o sobrinho ainda era um frangote que não havia chegado ao ponto exato. “Fosse ele mais taludo, a tia lhe ensinaria o que é bom” (AMADO, 1977, p. 123). No entanto, essa opinião muda rapidamente, quando ela em uma noite, um pouco bêbada, depois de ver o sobrinho dormir na rede e perceber que estava errada, (AMADO, 1977, p. 154) tem um sonho erótico, onde Cardo aparece como um anjo decaído, propondo lhe massagear “o cangote com o magno instrumento” (AMADO, 1977, p. 155).

A vida dos dois passa a ser uma perseguição. Tieta se deixa levar pelo desejo que acaba crescendo e se tornando uma paixão, fazendo a pastora de cabras sentir frio na espinha ao pensar no rapazote e, com isso, sentia a ausência do sobrinho que, às vezes, se envolvia nos trabalhos da igreja, na tentativa de escapar dos pensamentos e dos desejos que ele tinha por ela (AMADO, 1977, p. 183). Parecia que a pastora e Deus estavam numa rivalidade pelo corpo do menino, mas Deus deveria se cuidar, pois “no particular Tieta do Agreste não costuma perder” (AMADO, 1977, p. 185) e realmente, dessa disputa Tieta alcançou a vitória.

O jovem seminarista lutou de todas as formas que pôde. Escondeu-se, como dissemos, tentou não pensar e orou muito, “pois a oração é a arma que Deus entregou aos homens para vencer as tentações, derrotar

o inimigo” (AMADO, 1977, p. 149). Mas as orações não puderam conter os desejos e os pensamentos de Cardo, que mesmo com medo de ofender a Deus entrega o seu corpo ao corpo da tia. Tieta, da mesma forma que foi deflorada, como uma cabrita, nas areias de Mangue Seco, deflora Ricardo, o seminarista, o cabrito. Assim Jorge Amado descreve esse momento:

Os corpos flutuam no luar, na música das vagas. Lua, estrelas, mar, os mesmos do passado, iguais. Que importam idade, parentesco, batina de seminarista? Uma mulher, um homem, eternos. Aqui, nas duas, chiba em cio, um dia distante ela começou. Tieta toca seu princípio. Hoje, cabra de urbe farto, cansada do bode Inácio, defloradora de cabritos. (AMADO, 1977, p. 189)

O caso de amor entre Tieta e Cardo foi algo singular. Juntos eles eram como “a vida e a morte”, “uma única coisa, o ato de morrer e o de ressuscitar” (AMADO, 1977, p. 193). Na hora do sexo, “a noite de luar era ao mesmo tempo dia de sol; sol e lua, dia e noite acontecendo juntos sem distância nem intervalos” (AMADO, 1977, p. 193), uma sintonia e uma mistura de dois corpos completamente opostos, que se posicionaram de forma diferente diante da estrutura que sobre eles foi imposta. Essa diferença já era perceptível antes de ser iniciado esse caso de amor, mas depois que eles se deitaram, nota-se de forma mais evidente as diferenças entre Ricardo e Tieta.

Quando se desamarravam as pernas dos dois, estando “mais além da vida, mais além da morte” (AMADO, 1977, p. 193), o seminarista pensava na extensão do crime que estava cometendo, crime para o qual não havia eternidade, pois em vez de aproximar a tia ainda mais de Deus, acabou sendo possuído pelo demônio mais perigoso, sagaz e sutil, o “demônio da carne” (AMADO, 1977, p. 193), e com isso, sujeito às ordens de satanás, conquistou a alma, e outras partes, da tia. Para o diabo, foram “duas almas ganhas de uma vez, numa só parada, duas a mais para a prática do pecado e para as chamas do inferno” (AMADO, 1977, p. 194). O arrependimento fazia Cardo lembrar o dia em que fizera

seu “voto solene”, jurando castidade “consagrara-se a Deus. Prometera renegar os prazeres da carne, casto filho de Maria e de Jesus. Traíra o voto” (AMADO, 1977, p. 193) e aos prantos percebera que havia se tornado um homem comum, igual aos outros, com o coração cravado pela marca do pecado, ou seja, Cardo não era mais um santo, foi humanizado pelo pecado da carne (AMADO, 1977, p. 193).

Diferente do sobrinho, Tieta não havia sentido em momento algum o peso da culpa ou de arrependimento. Ao contrário, ria alegre sem temer o horror que, segundo Cardo, havia acontecido. Por diversos momentos a pastora de cabras pedia que Ricardo não a chamasse de Tia, mas sim de Tieta (AMADO, 1977, p. 194) e em alguns momentos, de minha cabra (AMADO, 1977, p. 198), ensinando-o que Deus não se ofendia com o que eles estavam fazendo.

Muito mais do que apresentar o drama e a felicidade de um sobrinho e de uma tia em um caso de amor, a sexualidade que se expressa nesse encontro é o eixo norteador para nossa análise teológica. Contudo, para que isso seja feito não podemos interpretar de forma literal essa sexualidade apresentada. É preciso buscar no que foi dito, o que não está claramente dito, pois “a sexualidade na literatura é uma linguagem em que aquilo que não é dito é mais importante do que aquilo que é dito” (MACHADO, 2004, p. 47) e acreditamos, que para descobrir o que não está dito, precisamos entender o que está por traz do corpo do seminarista Ricardo e do corpo de sua tia, Tieta. Pois nosso corpo, quando analisado, é capaz de revelar em qual realidade estamos imersos(as) e quais são os outros corpos que estão ao nosso redor ajudando na construção daquilo que somos.

### **Corpos além da fronteira: uma nova consciência**

A diferença entre Antonieta e Ricardo é evidente, e fizemos questão de destacar isso, na postura que cada um teve antes e depois de acontecer o ato sexual nas areias de Mangue Seco. Tal diferença nos

faz perceber de antemão a força da linguagem religiosa contida nesse romance. No entanto, acreditamos que quando olhamos de forma mais específica para ela e para ele, essa diferença aumenta.

Ricardo era estudante de um seminário católico, um rapaz temente e fiel a Deus, que já havia feito o seu juramento, já Tieta era dona da casa de mulheres mais famosa e bem frequentada de São Paulo. Por trás do corpo de Ricardo existem os dogmas, os ensinamentos e as estruturas religiosas, vividos de forma encarnada em sua mãe, Perpétua, que era uma mulher viúva e extremamente religiosa. Devota exemplar e exigente que não aceitava mentiras e não faltava nenhuma obrigação religiosa, independente de qual fosse, fosse “missa, bênção, confissão, a santa comunhão, as procissões”, exercendo o cargo de “zeladora chefe da Matriz” e tesoureira da congregação (AMADO, 1977, p. 168).

Moralista como nenhuma outra pessoa, a irmã de Tieta considerava que quem mostrasse alguma parte do seu corpo era uma pessoa sem temor a Deus (AMADO, 1977, p. 59), tanto que ela fazia questão de manter seu corpo coberto por um vestido negro, representação de seu luto fechado, que tinha no bolso um terço que ela esfregava com grande frequência (AMADO, 1977, p. 63). Perpétua representa a mentalidade religiosa formal, especificamente cristã, que demoniza a materialidade e a corporeidade.

Como sabemos, tal concepção de demonização da corporeidade se inseriu no meio do cristianismo, com o passar do tempo, graças à influência de conceitos vindos da filosofia grega e de ideias negativas acerca da materialidade, provenientes do gnosticismo. Essa visão acerca da materialidade corporal não está presente na tradição bíblica que compreende o corpo como “o sol em torno do qual gira o nosso mundo” (ALVES, 1982, p. 32), tanto que a encarnação do Filho de Deus é vista como um ponto impar na antropologia cristã, pois em Jesus, Deus vive um corpo humano, fraco e mortal, sem esconder suas fraquezas e tampouco mostrar-se imune diante delas.

O cristianismo nasceu da encarnação, do Deus que se faz gente, que é gestado no ventre da sua mãe e amamentado por ela, tornando-se íntimo de sua carne e se alegrando com seus carinhos (MARASCHIN, 2006, p. 48-49). Contudo essa visão se perdeu com o crescimento do cristianismo e assim o corpo se tornou uma cadeia em que a real essência do ser humano, a alma, estava cativa. Dessa forma, o corpo foi sentenciado a se tornar sublime e para isso, seria necessário ele manter uma constante pureza onde os desejos “carnais” fossem diariamente controlados (MORA GRISALES, 2011, p.37.). O controle dos desejos, e também das expressões, corporais nada mais são do que formas específicas de mostrar que o corpo não deve expressar-se, mas antes reprimir-se e quanto maior for a repressão do corpo, maior seria a proximidade de Deus e, de forma inversa, quanto maior for a expressão do corpo, maior a distância de Deus (ALVES, 1979, p. 183). O jeito sublime de ser exige que os corpos estejam bem vestidos e comedidos, para que nada que incentive a sexualidade ou transgrida a moral e os bons costumes sejam expostos. Quem busca se tornar sublime não deve andar descalço(a), falar palavrão, transpirar, ficar bêbado(a), arrotar, falar de boca cheia, cheirar mal, andar pelado(a), andar sem camisa ou de zíper aberto, usar drogas, e se possível não transar, mas se transar, que seja feito dentro dos valores morais minimamente aceitos. Também é muito importante viver sem falar dessas coisas, como se elas não existissem, ou como se as pessoas verdadeiramente fossem imunes a cada uma delas (BRABO, 2014).

No entanto, no romance, a mãe de Cardo representa, não apenas o pensamento sublime, mas também a hipocrisia que acompanha tal mentalidade e que “reinava” na Sant’Ana do Agreste encenada pelo roman-

ce<sup>8</sup>. Perpétua era contra a demonstração dos corpos, considerando a exposição carnal um pecado que seria pago durante toda a eternidade. No entanto, ela não criticava os vestidos que Tieta mandava de São Paulo para Elisa, a irmã mais nova, pois ela escolhia os mais bonitos para vendê-los (AMADO, 1977, p. 34). Também não reclamou e, talvez pior, fingiu que não viu Tieta, que depois de sair do banho, andar expondo a beleza de seu corpo pela sala de casa enquanto colocava na parede a efígie do sagrado coração de Jesus que recebera de presente da irmã de São Paulo (AMADO, 1977, p. 95-100). Perpétua fechou os olhos para tudo que Tieta fazia, especialmente para as coisas que poderiam, aos olhos dela, desagradar à sagrada lei de Deus, inclusive o caso de amor que existia entre ela e Cardo. Tudo era feito no desejo de que a irmã rica pudesse adotar Ricardo e Peto, para que eles pudessem receber parte do dinheiro que Tieta tinha.

Por outro lado, o que está por trás do corpo da pastora de cabras é algo oposto. Se o seminarista revela que seu corpo foi construído e moldado pelo pensamento religioso que buscava moralmente o sublime, o corpo de sua tia Antonieta traz a mentalidade de que a materialidade corporal não deve ser demonizada. Antes, ao contrário, precisamos “mergulhar” nela para percebermos que nosso corpo não é apenas um espaço de sexualidade e desejo, mas também é onde nossos pensamentos, sonhos, esperanças e medos acontecem. Afinal ele é o meio pelo qual entramos em contato com o mundo, com a natureza, com o transcendente, com o que está dentro e fora de nós (MORA GRISALES, 2011, p. 15).

Tal visão revela que, por trás de Antonieta existe a mentalidade de

---

8. Essa hipocrisia pode ser percebida mais claramente no povo de Agreste que, sendo um povo com uma moral tão rígida, que impediu que Tieta fosse ajudada quando o pai a expulsou de casa, mas que não atrapalhava a existência da casa de putas de dona Zuleika, local muito bem frequentado e como afirma o próprio Jorge Amado: “Houvesse justiça no mundo, não tivessem os cidadãos de Agreste amarrados à hipocrisia dos preconceitos, Zuleika e seu modelar estabelecimento teriam sido há muito proclamada de utilidade pública. Mas a vida é um repositório de injustiças” (AMADO, 1977, p. 476).



um corpo grotesco, que não busca as coisas do alto, antes fala daquilo que é baixo, do que é desprezado por não ser considerado edificante. Ele expressa a força do material e do corporal, destronando e renovando o mundo de concepções e estruturas formado pelo cristianismo. Ele se choca com a fé, com os santos, com as relíquias, com os mosteiros, com a ascese, com o temor da morte, que são elementos presentes em toda a trajetória cristã (BAKHTIN, 1993, p. 272). O corpo grotesco está sempre em movimento, nunca parado. Jamais pronto ou acabado, mas sempre em processo de construção, de criação, absorvendo o mundo e sendo absorvido por ele (BAKHTIN, 1993, p. 277), “pois o corpo grotesco não está separado do resto do mundo, não está isolado, acabado” (BAKHTIN, 1993, p. 23).

Talvez o grotesco, diferente do sublime, também busque a Deus, mas através de elementos que são contrários aos valores dos corpos bem ajustados e moldados. Quem deseja viver um corpo grotesco lembra diariamente que “somos gente de carne – gente com apetites, com secreções, com falhas e com deformidades” (BRABO, 2014). Enquanto o corpo sublime não deve pôr os cotovelos na mesa, não deve avançar as omoplatas ou balançar as ancas ao andar, “encolher a barriga, comer sem barulho e com a boca fechada, não fungar e nem raspar a garganta”, ou seja, “disfarçar as saídas” (BAKHTIN, 1993, p. 282), o corpo grotesco é completamente o oposto. Ele é vivido por quem não respeita a nada e a nada se esconde.

Acreditamos que a mentalidade e a liberdade corporal que Tieta tem se dá porque seu corpo não foi controlado pelo pensamento religioso, antes, ao contrário, ela sempre viveu livre a caminhar. Seu corpo nunca buscou ser sublime, pelo contrário, se expressou sempre como grotesco. A pastora de cabras sempre expressou a força do seu desejo, do material e do corporal, desafiando e destronando as concepções e estruturas existentes no pensamento religioso do povo de Agreste. Talvez seja por isso que, desde criança, Antonieta sempre tenha sido audaciosa e desleixada com os preceitos de Deus, indo à igreja só para namorar

(AMADO, 1977, p. 37). Talvez por isso ela ria de Cardo na hora dos momentos de arrependimento, depois do sexo onde ela agia como uma “fêmea enlouquecida, animal em cio, a gemer e a ganir, a berrar como as cabras nos oiteiros de Agreste” (AMADO, 1977, p. 194), características de um corpo grotesco<sup>9</sup>. Talvez por isso ela tenha desafiado o deus [aqui, em minúsculo propositalmente] apresentado a Ricardo, por Perpétua, e tenha saído vitoriosa.

Quando Ricardo decide se deitar com Tieta ela já o estava esperando, bastava ele ir atrás dela, bastava ultrapassar a fronteira.<sup>10</sup> A fronteira só pode ser excedida quando existe o encontro ou o contato com o corpo grotesco, pois, através dele e de sua percepção carnavalesca, podemos desfazer geometrias, abrir espaços e janelas para as relações (CARDOSO, p.1), desfazendo, dessa forma, as exclusões e as negações. Separar e impor limites talvez não sejam o caminho integrador. É preciso “relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar” (CARDOSO, p.1).

Ao ter a relação sexual com sua tia, Cardo fere as hierarquias que separavam o seu corpo oferecido e consagrado a Deus, do corpo grotesco e desobediente, de sua tia. Ao atravessar essa fronteira encontrou um Deus diferente, não mais o semelhante ao de Perpétua, mas encontrou o Deus que perdoa e que não castiga (AMADO, 1977, p. 564). A grande preocupação de Ricardo ao deitar-se com sua tia foi a violação da lei de Deus, a quebra do trato e o rompimento dos votos que ele havia feito e ao atravessar a zona fronteira, seu corpo se desprende das prisões e passou a experimentar tanto o serviço a Deus, como sua humanidade. Percebeu que Deus não é uma figura interessada em negócios, ele não faz tratos, em que ele toma e dá quando um filho/a viola a “lei”. Afinal, não há como dizer qual o melhor, se

---

9. Cf. OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. “Das impertinências do corpo de *Gabriela* no romance de Jorge Amado”. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 23-30, out./dez. 2011

10. Segundo Santos, “a zona fronteira, tal como a descoberta, é uma metáfora que o ajuda o pensamento a transmutar-se em relações sociais e políticas. E não nos esqueçamos que a metáfora é o forte da cultura de fronteira e o forte da nossa língua” (SANTOS, 2010, p. 155)

(...) aquele que castiga o corpo, deixando-o amargar-se no desejo, aquele que se oprime para assim servir a Deus, macerando a própria carne, violentando-se, ou o que sofre por ter pecado, aquele que não resiste ao apelo, se entrega e se levanta para cair de novo. Um se martiriza, inimigo do próprio corpo, é forte, se santifica talvez. O outro peca, é fraco, mas pecar se humaniza, abrandando o coração, não vive em luta com o próprio corpo. (AMADO, 1977, p. 250)

Não há como respondermos essa pergunta e, talvez o romance não nos dê essa resposta. Contudo, *Cardo* não decide viver sendo nem o primeiro e nem o segundo. Ele atravessa a fronteira que separa o corpo religioso do corpo grotesco, e com isso, ele se torna um corpo plural, onde experimenta e vive as duas dinâmicas, sem excluir nenhuma e abarca tudo que os dois lados da fronteira lhe proporcionam, sem apresentar uma ideia da separação, mas sim da inclusão. Nisso ele ainda tem vida e, segundo Amado, permanece com o odor de santidade (AMADO, 1977, p. 251). *Cardo* representa, nesse belíssimo romance de Jorge Amado, cada um(a) de nós que em muitos momentos é constantemente esmagado(a) pelas exigências de sistemáticas teologias que fazem do nosso corpo, desejos e sonhos, apenas símbolos, mas, ao mesmo tempo pode quebrar os votos feitos com deuses opressores e iniciar uma festa de amor, “proibida”, abandonando sem medo a castidade e a devoção. Isso não é vivido sem ambiguidades, uma vez que depois do deleite do pecado muitos se entregam ao arrependimento e a culpa.

Já *Tieta*, a bela pastora de cabras, que é a personagem feminina mais forte de Jorge Amado, é como o primeiro marido de dona Flor - outro conhecido romance de Jorge Amado-, um símbolo de rompimento com a ordem que oprime a tantos(as) (MANZATTO, 2013, p. 89). Ela também é cada um(a) de nós, existindo além das fronteiras que nos prendem, nos desafiando a atravessar para nos ensinar que não devemos sentir “medo de Deus e nem da vida”. Que fomos feitos(as) por Deus para sermos livres e que o demônio nos quer vencidos(as) pelo medo, afinal ele é a guerra, diferente de Deus, que é paz e amor.

Esse encontro, além das fronteiras, nos remete, no campo teológico, à expressão da espiritualidade. Não a formal, religiosa, dogmática. Pensamos em uma espiritualidade transgressora, sexuada, holística. A espiritualidade diz respeito ao todo. No caso da vida humana, há uma unidade sagrada firmada em uma coexistência dinâmica e interligada de matéria, energia e espírito; daí, a refutação das concepções dicotômicas, especialmente entre corpo e alma, matéria e espírito, ciências naturais e ciências sociais e humanas. A visão fragmentada que separa corpo e espírito é reducionista e não explora toda a riqueza e complexidade da vida.

A pressuposição antropológica é que o ser humano é um todo, com distintas dimensões inteiramente entrelaçadas e também é complexo, no sentido de seu ser possuir dimensões dinâmicas, mas que convergem para uma coerência. A exterioridade do ser humano está ligada à sua corporeidade, mas não como algo “morto”, mas como expressão que se constitui a partir de uma extensa gama de relações - todas dinâmicas, interativas, transgressoras -, como as que são estabelecidas com o cosmo, com a natureza, com a história e a sociedade, com os outros seres humanos, e com os elementos e as energias que revitalizam a vida como o ar, a água, as roupas, as comidas, o sexo, seguidas de uma longa e variada lista. Tais relações geram sentimentos, inteligências, amores, reações as mais diversas. O corpo, portanto, não obstante revelar a exterioridade humana, vive em uma complexidade de relações interconectadas, que também se interiorizam; daí a preferência pela expressão “ser corporificado” em vez de “ser com um corpo”. Ou em outras palavras: “nós somos um corpo” e não “temos um corpo”.

O ser humano também possui uma dimensão de profundidade. Trata-se da possibilidade de ir além das limitações, das meras aparências, das sensibilidades, percepções e compreensões humanas. É poder perceber os eventos e as coisas para além delas mesmas, encontrar o fundamento e a profundidade delas, a que elas nos remetem, o que sinalizam e simbolizam para nós. Cada situação vivida – e com ela to-

das as mediações materiais, históricas, corporais, emocionais, eróticas – evoca lembranças, imagens e símbolos que nutrem a vida humana. São sacramentos de algo muito maior e mais amplo. Esse movimento promove um estado de consciência pelo qual podemos perceber o todo e como nos integramos a ele. “Perceber a profundidade do mundo e de todas as coisas bem como a nossa própria constitui aquilo que chamamos de espírito. Este não é parte do ser humano, mas aquele momento de consciência pelo qual vivenciamos o significado e o valor das coisas” (BOFF & HATHAWAY, 2012, p. 426). Tal visão possibilita ao ser humano uma singularidade. Ao ir ao encontro de sua profundidade e natureza social e corpórea, ele se encontra consigo mesmo, com todo o seu redor, quer seja nas relações interpessoais, sociais e históricas, quer seja nas relações com a natureza, com os outros corpos e com o cosmo, e com o grande Outro, Deus, fundamento e centro da vida. Tal profundidade representa a possibilidade espiritual humana, o que chamamos de espiritualidade, que não é monopólio de qualquer religião, cultura ou pensamento, mas que se encontra nas diferentes pessoas, grupos e estágios da vida. Ela se dirige e se abre transgressivamente ao amor acolhedor de Deus, à integração com o Todo.

## Considerações finais

O nosso objetivo no presente trabalho foi analisar teologicamente a relação entre Ricardo e Tieta, personagens do romance *Tieta da Ageste*, de Jorge Amado. Para isso, fomos mais além da sexualidade apresentada no romance. Nós buscamos compreender o que estava por trás de seus corpos, quais pensamentos, discursos e estruturas moldaram ou não o que essas duas personagens representam.

Tal perspectiva nos permitiu o encontro com diversos elementos que foram surgindo no decorrer da construção do caso de amor entre a tia e seu sobrinho e acreditamos que, se não olharmos de forma literal, esse encontro nos ilumina e também desafia a repensarmos como se dão e

estão posicionados nossos corpos diante das imposições que as reflexões religiosas e teológicas já fizeram e ainda fazem na atualidade. Isso talvez sirva para mostrar a importância que a literatura pode exercer na reflexão teológica e também na reflexão que fazemos acerca de nosso ser diante das fronteiras que nos separam de outras dinâmicas e realidades corporais, religiosas, culturais e sociais.

Como referido inicialmente, a reflexão sobre a presença do sagrado e de suas manifestações nos discursos dos textos literários é algo já de algum tempo. No entanto, pelo fato de tais discursos nos direcionarem para fora das fronteiras estabelecidas pela mentalidade religiosa, talvez a literatura, em especial a de Jorge Amado, ainda não tenha o espaço devido no meio teológico. Nossa visão é que sempre que a dimensão antropológica da literatura for colocada lado a lado com o estudo da revelação, ou seja, com a teologia, poderemos compreender mais um pouco do Deus que se revela na humanidade. Assim, é possível perceber que ele é paz e amor, que se manifesta em uma espiritualidade plural e que nos desafia a experimentar o contato e a relações com outros corpos que, face a face, nos tocam no meio das dinâmicas da vida.

## Referências

- ALVES, Rubem. Protestantismo e repressão. São Paulo: Ática, 1979.
- ALVES, Rubem. Variações sobre a vida e a morte: a teologia e a sua fala. São Paulo: Paulinas, 1982.
- AMADO, Jorge. Tieta do Agreste. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de Francois Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.
- BINGEMER, Maria Clara. A literatura como um campo fértil de diálogo com a teologia In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos, Ed. 251. São Leopoldo, 2008: 20-21.
- BOFF, Leonardo & HATHAWAY, Marc. O Tao da Libertação: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CANDIDO, Antônio e Outros. A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva,

2002.

- CARDOSO, Nancy. Trindade: para além de um amor mais que dois melhor de três (Dona Flor & seus dois maridos), 3p. Trabalho não publicado.
- MACHADO, Ana Maria. Ilhas no tempo: algumas leituras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MANZATTO, Antonio. Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.
- MANZATTO, Antonio. Para ler a questão religiosa em Jorge Amado. In: Horizonte Teológico, v. 12, nº 23, Belo Horizonte, jan/jun. 2013: 77-92
- MARASCHIN, Jaci. Eros cheio de graça: o corpo e o amor de Jesus. In: Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 20, n. 30, jun. 2006.
- MORA GRISALES, Ofir Maryuri. “Las caleñas son como las flores”?: tensão discursiva sobre os corpos das mulheres protestantes de Cali. 2011. 179p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.
- OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. “Das impertinências do corpo de Gabriela no romance de Jorge Amado”. In: Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 4, out./dez. 2011, p. 23-30.
- RAILLARD, Alice. Conversando com Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- REZENDE, Paulo Antônio. Octavio Paz: as trilhas do labirinto. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, 2000: 223-248.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2), 1993: 31-52 (editado em nov. 1994).